ANO XII / MARÇO DE 1954 / N.º 113



Novellae

OLIVARUM

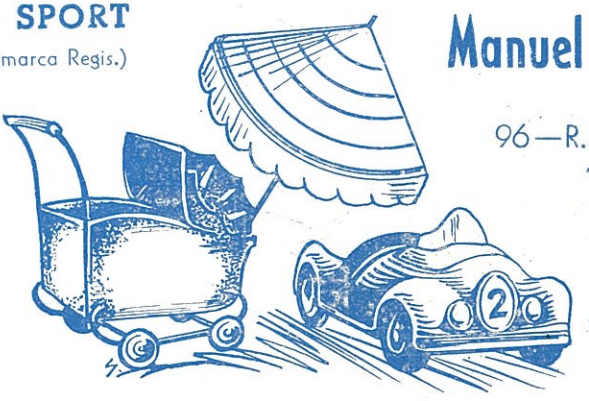
Oliveira & Vieira, L.DA

ESTOFADORES - DECORADORES

MÓVEIS ESTOFADOS EM TODOS OS ESTILOS E MODELOS
DECORAÇÕES EM TODOS OS GÉNEROS

Av. D. Carlos I, 140 Telef. 61864 — LISBOA

SPORT
(marca Regis.)



Manuel José Soares

96—R. Coelho Neto—98
Telefone 51676

PORTO

Fabricante de automóveis, triciclos, carros e cadeiras para crianças

Nos Bazares prefira sempre a marca **'SPORT'**.

Especialidade em toldos, guarda-sois, ferragens e panos em todos os modelos para estabelecimentos



E. PINTO BASTO & C.ª, L.da

LISBOA

TRANSPORTES MARÍTIMOS E AÉREOS
SEGUROS **CARVÃO**

(REPRESENTAÇÕES
INDUSTRIAIS, ETC.)

EXPORTAÇÕES
TRANSITÁRIOS
ETC., ETC..

NO PORTO

KENDAL, PINTO BASTO & C.ª, L.da

FERREIRINHA

VINHO PARA MISSAS

Preparado conforme norma canónica e com a aprovação de Sua Excelência Rev.ma o Senhor Bispo do Porto

RUA INFANTE D. HENRIQUE
PORTO

ROSSIO, 93, 2.º
LISBOA

Tecidos pretos



Praça dos Restauradores, 13-3.º — Tel. 30876 — LISBOA
(Tem elevador)

Apresenta a maior existência de lanifícios pretos para o **clero, seminaristas** e **ordens religiosas.**
Peça amostras ou visite o nosso estabelecimento para melhor escolha. Concedemos facilidades de pagamento

N. B **Não fazemos descontos mas vendemos aos melhores preços**



FUNDADA EM 1756

"CENACULO"

VINHO PARA MISSA

com a aprovação de S. Ex.ª Re^ma^ o Sr Bigpo do Porto

REAL COMPANHIA VELHA

PORTO — **Rua das Flores, 69**

LISBOA — **Praça dos Restauradores**

NOVELLAE OLIVARUM

REVISTA DOS ALUNOS DO SEMINÁRIO DE CRISTO-REI — OLIVAIS
COM A APROVAÇÃO DA AUTORIDADE ECLESIÁSTICA

Director — ANTÓNIO JORGE MARTINS
Redactores — ANTÓNIO BAPTISTA DOS SANTOS
— LERENO SEBASTIÃO DIAS
Proprietário e editor — CARLOS LEONEL PEREIRA DOS SANTOS
Administrador — MANUEL GOMES SOARES

CONDIÇÕES DE ASSINATURA — Assinatura anual (10 números) ... ... 25$00

Composto e impresso na Sociedade Editora Ala Esquerda, L.ª — BEJA — Telef. 268

SUMÁRIO

Da presença de Deus no momento que passa — N. S. 66
O Cristianismo na Índia — A. Barbosa 71
O Padre Lombardi fala — F. M. J. B. 78
Poderá o cinema traduzir realidades espirituais? — José Vieira Marques 82
Os Nossos Pobres — J. Belinquete 87
Panorama 91
Livro do Mês — C. G. 95

IMAGENS - MISSAIS
PARAMENTOS
LIVROS RELIGIOSOS
E
TODOS OS ARTIGOS
PARA O CULTO

LIVRARIA CATÓLICA

Fundada em 1866

Sousa Tavares L.da

220, RUA AUGUSTA, 222 Telef. 2 7757

LISBOA



D. Policarpo da Costa Vaz

BISPO DE MACAU



Sua Ex. Rev.ma o Senhor D. Policarpo da Costa Vaz, Auxiliar de Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca conquistou o coração e simpatia do clero e Seminaristas do Patriarcado. Por isso estes não querem ficar estranhos à nomeação de Sua Ex.a Rev.ma para Bispo de Macau.

Pela presença querida do venerando Prelado junto de nós, «Novellae Olivarum traduz a gratidão dos Seminaristas que imploram as bênçãos de Deus para a missão de que Sua Ex.a Rev.ma acaba de ser incumbido.

Da presença de Deus no momento que passa

Tendo no pecado o seu ponto de partida e a sua razão de ser, todas as leis são, afinal de contas, detestáveis. A necessidade da lei dá a medida da nossa imperfeição. A sua missão é tornar-se inútil, ensinando o homem a passar sem ela. Com o desenvolvimento social do Reino de Deus todas as leis estão destinadas a perecer, devorando-se sucessivamente até à plenitude final. Do próprio Decálogo apenas ficará um mandamento — a lei do Amor, que não pròpriamente uma lei, mas a liberdade de quem ultrapassou todas as leis.

Assim também no plano individual. É muito bom teres uma vida disciplinada, uma regra, uma lei para todas as horas dos teus dias: trabalho, convivência, distracções, oração... É óptimo. Ordem. Método. Equilíbrio. Sentido das realidades e da nossa miséria comum.

Mas, por mais necessários que sejam, os andaimes constituem sempre um elemento provisório no edifício que se levanta. O técnico construtor de andaimes vê apenas os andaimes, a segurança e a eficiência dos andaimes. Apenas isso. Mas o artista sofre com eles e anseia por destruí-los, porque na visão do artista a obra está reduzida à sua nudez essencial. Ele vê-a, e vive-a, e ama-a sem andaimes — liberta.

Tu não serás um técnico construtor de andaimes. Tu não limitarás a teu esforço ao equilíbrio e às piruetas nos andaimes. Tu não terás (Deus te livre!) a idolatria dos andaimes.

Eles estão ali para serem ultrapassados. A lei não se fez para embaraçar o homem, mas para o servir, para o ensinar a ser livre, colocá-lo acima de todas as leis. Ela não destroi a liberdade. Pelo contrário, é uma arma na conquista da liberdade. Por isso nenhuma lei merece culto, e muito menos aquela que a ti próprio ditares. Lei perigosa, que te coloca à beira do orgulho. A tua querida lei. Não te deixes iludir pela satisfação que te causa o seu exacto cumprimento: esse prazer barato denuncia

precisamente uma inversão de valores — o erro de quem, por amor das aventuras do deserto, se esquecesse de orientar os seus passos para a Terra Prometida.

A qual não é bem terra da ordem, do repouso, dos programas cumpridos. O leite e o mel que lá correm vêm misturados de sangue. Terra dramática, onde o Deus dos Exércitos te prepara lutas sobre-humanas. Terra da angústia e da contradição, onde as alegrias «que ultrapassam todo o sentimento» começam na vibração máxima das dores, quando tudo parece perdido.

Terra do Amor. Só Ele, o Amor, te poderá libertar dos labirintos da lei e da frieza da moral. Porque a lei e a moral sem amor tornam-se pura convenção, etiqueta, farisaísmo — tudo o que há de mais estranho ao espírito de liberdade que se respira na casa do Pai. Não basta ter o sentido das realidades. Ou melhor, o sentido das realidades não é outra coisa senão o sentido do amor, que dará às realidades a sua perspectiva escatológica, onde tudo se oriente para o Amor Essencial. A própria oração, se não brotar daquela atmosfera de amor que te une a Cristo — o grande orante, o único orante — não passará dum redemoinho que levanta poeira. Não existe ninguém *capaz* de orar senão o Corpo Místico. *Per Christum Dominum Nostrum. Per ipsum, cum ipso, in ipso.* A autenticidade da tua oração está condicionada pelo amor.

Com ele, tudo terá sentido. Tudo será fecundo. Todas as técnicas, todos os caminhos, todos os programas, todas as leis, todos os andaimes — e até as quedas nos andaimes.

Fala-se de doenças que, de tão poderosas e constantes, atingem a própria personalidade e passam a unificar e a comandar a vida inteira. São elas a saúde da pessoa. A cura equivale à morte. Tudo será vazio e improfícuo enquanto o amor não começar a ser na tua vida essa doença que garante a saúde espiritual, uma mania, uma ideia fixa — a espada de Cristo cravada no teu coração.

Que amor? O amor humano ou o amor sobrenatural?

Não me parece que valha a pena acreditar no valor de tal distinção. Entre um e outro não há um abismo, mas apenas uma diferença de grau. O que constitui a fraqueza do amor humano é a sua facilidade de se perverter em egoísmo. Quando puro, todo o amor aponta para Deus. Quem amar intensamente, para lá de todos os cálculos e de toda a medida, até ao fim, a mais imperfeita das criaturas, essa irá descobrir o

que é *isso* que torna infinitamente amáveis as criaturas imperfeitas. E ao descobri-lo, ao verificar que a sua afeição possui um objecto que a ultrapassa — a criatura dignificada em Deus e Deus sensível na criatura — começará verdadeiramente a sua doença, a sua paixão, o tormento de não amar bastante e o desejo de amar até ao sacrifício. Sequazes da Nova Lei, devemos viver o madamento novo — o maior e o mais seguro de todos os mandamentos.

Portanto, quem quer que sejas, qualquer que seja o ponto onde te encontras, quaisquer que sejam os teus métodos e programas de vida, nunca percas de vista este postulado do amor e o cultivo da tua intimidade com Deus — sob pena de caíres num farisaísmo estagnado, e de os teus actos não passarem de puro contorsionismo, espectacular e vão, tanto mais vão quanto maior for o prazer que te oferecem.

Mas, se deve ser este o teu alvo, não menos deve ser este o teu ponto de partida. Meio e fim são inseparáveis. Não se começa a amar a Deus depois de um grande esforço ou depois duma série bem ordenada de esforços. O amor é esse mesmo esforço. A construção do templo não é uma operação preparatória do amor mas já um acto de amor positivo, composto de pequeninos actos de amor, quase insignificantes (por exemplo, a construção dos andaimes) — e portadores todos eles duma parcela de amor. A plenitude do Reino do Amor que começa no fim da viagem, há-de já ter um esboço de realidade, aqui e agora, dentro de ti.

Aqui e agora, neste pobre minuto que passa. Não esperes que as grandes horas de amanhã te tragam aventuras dignas da tua coragem e pretextos para vitórias retumbantes. As grandes horas de amanhã serão feitas de minutos humildes como este — minutos que passarão por ti sem dizer nada se lhes virares as costas.

E no entanto, este minuto silencioso tem o seu conteúdo, traz a sua mensagem, e talvez queira de ti alguma coisa. E aquilo que quer talvez não seja bem o que está no teu programa.

Este minuto que *acontece* é a única fresta que nos põe em comunicação com a Eternidade. Todo o tempo está fechado. Todo o resto é escuro. Antes e depois é uma muralha espessa.

Estar alerta. Estar disponível. Pronto a renunciar a todos os programas e a todos os compromissos. Que te diz Deus no minuto que foge? Interroga. Escuta. E põe na resposta que deres todo o amor de que fores capaz.

Se, depois de o interrogares na presença de Deus, preencheres o minuto engraixando os sapatos, esse engraixar de sapatos será um acto de amor, e a *maneira* como o fizeres dará a temperatura do teu coração. Esse acto pequenino terá um alcance maior do que a construção da torre de Babel.

O minuto que passa lança por vezes um desafio. O teu amor viverá na coragem com que aceitares, sem esquecer que esse mesmo minuto é o fio condutor da graça actual.

Não raro acontece que o minuto levanta para ti a ponta acerada dum sofrimento, um desgosto, uma contrariedade. E tu és capaz de te privar de tabaco durante uma semana inteira ou mais ainda, quando isso está previsto na tua agenda espiritual. Bravo. Mas o valor de tal proeza avalia-se pela resposta que deres a este agressivo minuto.

O sentido do amor no sentido do momento exigem o sentido das coisas pequeninas. Viver apaixonadamente as coisas pequeninas e desse modo torná-las grandes.

Esta vibração apaixonada nas coisas pequeninas é mesmo uma exigência da própria história. Aquele tempo em que se dava testemunho de Cristo através duma heroicidade espectacular, com sangue e tudo, findou. Esta hora que vivemos exige que o teu sacrifício seja inglório, anónimo. E se um dia vieres a colocar a tua vida no altar do sacrifício, falhado. Não serás atirado às feras. Ninguém verá correr o teu sangue. Não serás queimado na praça pública. O forno crematório simplifica tudo. E se mereceres um espectáculo, não te darão outro senão um julgamento em que confesses os teus *crimes*.

Tanto melhor. O nosso tempo exige afinal de contas que o teu sacrifício seja puro, duma pureza sem mancha. E não é por ser incruento que ele deixará de ser sobrenaturalmente, temporalmente fecundo. Deus é senhor da Graça. A vida da comunicação dos santos não está sujeita às leis da física.

Escolherás portanto a aventura da porta estreita e do caminho obscuro. Aqui é que está o sublime. O sublime nasce naqui perto, diante dessa tarefa, igual às tarefas de toda a gente, que vais executar, transformando num acto de amor, sempre diferente e sempre novo, as tarefas sempre iguais dos dias iguais, certo de que tudo terá uma projecção infinita.

Sempre novo. Seja a tua vida renovação, *fieri* constante. Não deixes

que o passado te amarre. Hábitos, apenas o de ver tudo em Deus e Deus em tudo. Coloca mais alto as tuas ambições, ainda que não seja senão para evitar o fracasso de chegar à meta. Criatura de Deus, nascida todos os dias das mãos de Deus, os teus planos só devem terminar no ponto onde terminarem os do Criador a teu respeito. Ele está presente no momento que passa.

Seja a tua vida um diálogo constante com esta Presença silenciosa — constante, embora mais intenso nas horas de oração. Porque há-de ser a tua oração exclusivamente feita de palavras? Serão elas, as palavras, o único meio de comunicar os nossos estados de alma à Sabedoria Infinita?

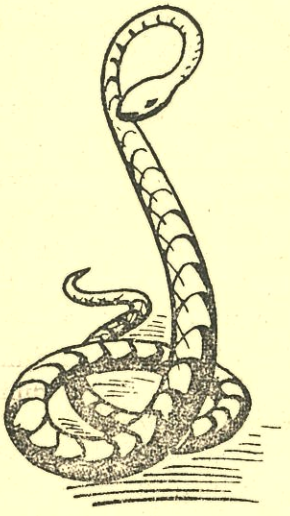
Precedidas desse diálogo com Deus, e trazendo oculto o sinal da origem, os teus actos terão ainda qualquer coisa de eucarístico, intérpretes de Deus junto dos homens. Até os teus erros podem ser edificantes, desde que manifestem o drama subterrâneo donde brotaram. Não terás medo de errar. A tua prudência consistirá em manter acesa a lâmpada e conservar pura a veste nupcial — e depois, sem programa rígido, sem lei e sem medo, ir até onde te levar o teu próprio impulso. Tem-se dito que o *estado da graça* é um *estado heróico*. Mas nem um nem outro podem ser um estado *estático*. Deves senti-los como um estado de tensão, carregado de força e de energia transbordante. Dócil nas mãos de Deus, sempre pronto a trocar o teu programa de atleta pela Sua Vontade, todos os teus actos terão efeito redentor. Mesmo que sejam apenas vulgaridades. Desde que Deus se fez homem e morreu de amor pelos homens, todas as vulgaridades humanas adquiriram uma possibilidade de transcendência e de valor eterno — e todas elas podem servir de caminho para Deus e de ponto de encontro com Deus.

que vão desde a luz do meio dia até à tenebrosa noite interior. Mas a altura da tua vida espiritual mede-se pela vibração com que sentires

A tua intimidade com Deus, decerto está sujeita a graus, matizes que vão desde a luz do meio dia até à tenebrosa noite interior. Mas a altura da tua vida espiritual mede-se pela vibração com que sentires a luz e pela angústia com que sentires as trevas, porque também para ver as trevas é necessária uma grande abundância de luz. O que importa é que nunca mais tenhas descanso — outro descanso que não seja a paz de Cristo. Outra recompensa senão a da tua ânsia insatisfeita — o maior bem, que eu, sinceramente, te desejo.

N. S.

O CRISTIANISMO NA INDIA



Quando os Apóstolos se dispersaram dando cumprimento às palavras do Salvador «sereis minhas testemunhas... até aos confins da terra» (Act. I-8) foi Tomé levado pelo Espírito Santo, segundo uma antiga tradição, até às regiões da Índia.

Chegado à famosa terra da lenda e do sonho, percorre-a o Apóstolo de norte a Sul, fazendo nela a primeira sementeira da verdade evangélica.

A cristandade fundada por S. Tomé, não morreu, embora ficasse desamparada. Os pais iam transmitindo aos filhos, de geração em geração, o pouco que sabiam da religião que se adulterava. E assim, aos poucos se iriam perdendo, se o povo de Camões lhes não viesse em auxílio.

Com o descobrimento do caminho marítimo para a Índia, chegam as primeiras naus cristãs com o auxílio há tanto esperado. Em quase todas vêm missionários zelosos do reino de Deus que, lenta mas eficazmente, vão de novo deitando à terra a boa semente. Não é isenta de obstáculos a sua acção O próprio carácter das religiões existentes, o sistema de castas e o fanatismo de muitos sacerdotes pagãos são dificuldades com que têm de contar.

*
* *

Das religiões existentes apenas duas merecem especial menção: budismo e induísmo. E destas duas só nos interessa agora a segunda, visto que o budismo, muito embora nascido na Índia, pouca influência

exerceu nos seus habitantes. De facto, se não fora a acção enérgica de alguns imperadores budistas, entre os quais o célebre monge Asoka, que, com grandes gastos e esforços conseguiram que alguns abraçassem a sua religião, poderíamos considerar nula a sua influência. Outro tanto se diga do jainismo, religião que também teve a Índia por berço.

Mais adaptado à mentalidade indú que as duas citadas, o induísmo cria raízes fundas. Embora à primeira vista nos surja com bastantes pontos de contacto com o Cristianismo, professa, todavia, um ecletismo conformista que impede a aceitação integral da religião cristã.

Se perguntarmos porventura, a um indú ortodoxo, qual a religião verdadeira, responder-nos-á: «Há uma religião única para todos os homens, constituída e definida pelas relações do homem com o infinito; todas as religiões são iguais; são como os diversos caminhos que levam ao mesmo cume».

Por isso não se preocupa em difundir a sua religião, nem em submetê-la a um exame crítico.

Em relação ao fim, todas são iguais. O seu critério de escolha não vai além de julgar verdadeira a religião dos seus antepassados. Se estes houvessem sido católicos, ele sê-lo-ia também. Mas, infelizmente, 2.000 anos antes de Cristo, a única religião que existia na Índia era o induísmo. Não admira portanto que o indú se retraia um pouco na aceitação duma religião que vai, em muitos pontos, contra a tradição que ele aceita como sagrada.

No que toca ao problema das castas,, o obstáculo não é menor embora nele se tenha trabalhado ardorosamente. Este sistema prejudicou e continua a prejudicar as conversões. Uma pessoa que se converta, ipso facto fica fora da casta, do convívio familiar, das relações sociais. Esta espécie de exílio é muitas vezes agravada pela perseguição que os parentes lhe movem, usando de todos os meios para lhe tirar o ganha-pão e a herança. Contra este estado de coisas se levantou a voz do grande Apóstolo do Oriente pedindo o auxílio do governo para os perseguidos.

Aparece, por último, a luta por vezes heróica contra os sacerdotes pagãos. Se lançarmos um olhar para a história da Igreja desde os primeiros séculos, verificamos que os magos foram sempre uma das maiores barreiras ao cristianismo. A origem do seu zelo não vem tanto da diminuição do culto aos seus deuses como principalmente de terem de despojar-se das honras e riquezas que esse culto traz consigo. Sendo os

indús profundamente religiosos e até bastante fanáticos, não é de admirar que os seus templos sejam verdadeiros celeiros de riquezas, de que os sacerdotes não têm o quinhão menos avultado. Há ainda a acrescentar que, habituados a um regime de vida bastante regalado — confina-se apenas às cerimónias litúrgicas, a dar conselhos e a receber oferendas — não podem ver com bons olhos certas exigências cristãs.

Tudo isto tem tornado lenta e demorada a cristianização dos povos indianos. Do mesmo se queixou S. Francisco Xavier ao deixar fugir do coração gritos angustiosos como este: «Deus Nosso Senhor sabe com quanta mágoa escrevo esta carta. Cuidava de achar cá consolação depois de muitos trabalhos que tenho levado, e em vez de consolação encontro trabalhos que assaz me atribulam». Isto na boca daquele que pareceu apenas ter recebido consolações celestes.

Os grandes obstáculos reclamam grandes vencedores. As almas em fogo dum S. Francisco Xavier, dum S. João de Brito, dum Venerável P.e José Vaz venceram tudo e arvoraram gloriosa a Cruz de Cristo.

Como os métods europeus se não mostraram muito eficientes, cria-se um método de adaptação dos mesmos à índole indiana. Em 1606 o Jesuíta Roberto de Nobili publica o novo método de evangelização, tão adaptado quanto possível aos hábitos e costumes indianos. A seguir vem S. João de Brito, não já para escrever métodos mas para ser ele mesmo a sua personificação. Escreve com o seu sangue uma nova era de evangelização que, infelizmente, não dura muito. As guerras que se seguiram, a questão dos ritos malabares, a supressão da Companhia de Jesus, a penetração dos ingleses e holandeses, a falta de missionários e a quebra do poderio português no Oriente foram as causas principais deste declínio. Começa então a idade negra da Igreja que se estende até à primeira metade do séc. XIX.

Em 1886, estabelecendo a Hierarquia, o Papa Leão XIII dá o primeiro passo para o rejuvenescimento do Cristianismo na Índia.

Nessa data, havia sòmente 21 vicariatos apostólicos e cerca de 900.000 católicos. Em 1891 a cifra aumenta para 1.313.633 e em 1920 chega a 2.414.768. Hoje existem cerca de 5 milhões. Um progresso de 4 milhões em menos de cem anos.

Não duvido em atribuir este rápido avanço ao estabelecimento da Hierarquia. A Índia Britânica, que em 1886 estava dividida em 21 vica-

riatos e prefeituras apostólicas, conta hoje (excluindo o Paquistão, Ceilão e a Birmânia) 10 províncias eclesiásticas com 10 arcebispados, 49 dioceses e 5 prefeituras apostólicas.

O aumento das congregações religiosas foi outro factor importante na renovação cristã da Índia. As freiras indígenas são hoje cerca de 10.000.

Mais importante, todavia, foi a inteligente medida de Leão XIII, fundando o Seminário Pontifício de Kandy em 1892. Dando-lhe por lema «India, fillii tui administri tuae salutis», o sábio Pontífice media bem toda a projecção que, poderia ter a formação do clero indígena para o futuro desta cristandade. De facto, hoje, quase todas as dioceses têm o seu Seminário. De 5.000 padres, perto de três quartos são indígenas e nos 60 seminários estudam aproximadamente 2.000 candidatos nativos. Dentre os 15 arcebispos, 10 são indianos — um dos quais já Cardeal — e dos 54 bispos e prefeitos apostólicos são-no 32. Perante todos estes números, seremos talvez levados a julgar que a religião católica está muito difundida, mas temos de ter em conta que dos 356.700.000 habitantes que a Índia tinha em 1951, apenas 2,3 % da população se podia contar no grupo dos católicos e protestantes. Diante desta confrangedora realidade resta-nos a alegria de saber que os católicos formam o grupo mais influente e instruído, pois 90 % deles sabem ler e escrever, ao passo que só 15 % da população indiana o sabe.

A par deste trabalho da Igreja Católica, os protestantes exercem também uma actividade febril em certas cidades da Índia, por exemplo em Ooty, cidade montanhosa situada a 8.000 pés de altura. O seu clima, dos mais maravilhosos da Índia, atrai todos os ricaços e nobres. Ooty é uma cidade única no género, muito parecida com as cidades montanhosas da Suíça. Servindo-se de todas estas facilidades e belezas naturais construiram lá os protestantes um grande salão onde diàriamente dão espectáculos públicos gratuitos, precedidos e seguidos de uma alocução transmitida aos principais centros por meio de potentes autofalantes.

Embora quase todas as causas apontadas tenham sido desfavoráveis ao Cristianismo, outras há que lhe foram francamente favoráveis.

A Independência, em 1947, veio favorecer muito a penetração cristã. Era difícil para os indús não identificar o cristianismo com a dominação estrangeira. Daqui as graves desconfianças de que eram alvo muitos missionários. Uma das primeiras relações diplomáticas estabelecidas

depois da Independência, foi com o Vaticano e em 1950 realizou-se em Bangalore o Primeiro Concílio Plenário Indiano.

Actualmente a Igreja, aproveitando o fruto do estudo e da experiência, dirige mais a sua actividade nos seguintes pontos

1) Conversão das pessoas mais influentes; 2) adaptação completa dos missionários aos costumes indianos; 3) e exposição do Cristianismo através do induísmo.

Conhecedores da mentalidade do povo indiano, tentam os missionários exercer a sua acção junto das pessoas mais influentes por conhecerem a atracção que estas exercem. Baseadas neste princípio, tinham os católicos começado uma grande campanha de orações e sacrifícios para que Nahatma Gandhi se convertesse. Se o conseguissem, metade da Índia seria católica. E talvez não fosse difícil visto ele ter grande simpatia pelos Livros Santos, em especial pelo Sermão da Montanha. Mas quando menos se esperava, um tiro ceifou-lhe a vida.

Têm-se feito grandes esforços para que os missionários se adaptem em tudo aos costumes dos infiéis. O orientador do movimento é o P.e Animananda. Pediu licença à Santa Sé para se vestir à moda dos sacerdotes pagãos: uma cabaia cor de fogo, um cinturão, um pano ao pescoço outro na cabeça, barbas e cabelos crescidos, uma cruz ao peito, — eis a sua indumentária. Um dia meteu numa maleta as coisas necessárias para o Santo Sacrifício com mais algumas roupas e foi para uma missão na qual nunca estivera um padre. Chega lá às 6 horas da tarde. Como não tinha nem casa, nem comida, nem onde descansar, põe-se a passear rezando o terço. Um indú, julgando ser o sacerdote da sua religião, acolhe-o em casa. Passados dias, um pouco intrigado com a cruz, com o breviário e principalmente com a missa que o padre celebrava todas as manhãs, dirige-se a pedir conselho aos seus sacerdotes. Volta e põe o padre fora de casa.

Como quando da chegada, o P.e Animananda põe-se na estrada a rezar o terço. Vem-lhe ao encontro um muçulmano que lhe pergunta se quer uma casa. O Padre aceita a pobre cabana que lhe oferecem e instala-se. Compra as coisas necessárias para manter a vida e trabalha ajudado apenas por um rapazinho que se lhe pôs à disposição.

Três anos depois existia ali uma florescente cristandade com um grupo de catequistas formados por ele.

Entre o induísmo e o cristianismo são muitos os pontos de contacto que devem ser aproveitados.

Os indús, por exemplo, esperam o «stainless saviour» (Niskalanka Muktidâtâ) que virá restaurar o reino da Verdade, da Justiça e da Paz. Porque não mostrar-lhe Jesus Cristo através do «stainless saviour», como S. Paulo no Areópago através do «Deus ignotus»? Também no induísmo oficial nos aparece o Ser Supremo como trinitário, constituído pela Verdade, Sabedoria e Infinidade absoluta, os quais formam o «Tri-vidham». Esta trindade é «ad intra» mas existe uma outra «ad extra» que forma a «Tri-murtí»: Brahma (criador) Visnu (preservador) e Siva (transformador).

Podemos servir-nos deste seu dogma religioso para falar-lhes do mistério da SS.ma Trindade. (1)

O «Bhagavad Gitâ» descreve em termos extraordinários a Incarnação puríssima de Siva no seio da virgem «Kanya-Kumâri». Não achamos pois dificuldade em falar da Incarnação de Jesus. A única dificuldade vem de o indú não aceitar a unidade de Pessoa na União Hipostática, porque parte do princípio que o que é possível para Um Homem, sem contradição intrínseca, o é também para todos os outros potencialmente. — Mas podemos expôr-lhe a União Hipostática sem ferir a sua doutrina. (2)

Quando um indú moderno manuseia os Evangelhos, tem grande dificuldade em compreender o termo «Filhos de Deus». Mas um teólogo que saiba compreender bem os Vedas encontra neles um caminho aberto para a solução do problema. (3)

A doutrina da graça e da predestinação levantou grandes controvérsias no séc. XIV A. C. entre as duas escolas rivais do Vedânta e ainda hoje os discípulos de Râmânuja defendem uma das opiniões contra Saukara que baseia a sua opinião nos Upanishads. A controvérsia tem muita semelhança com a que surgiu no Séc. XVI da nossa era entre Bañez e Molina.

O indú é, por natureza, contemplativo. Ocupado embora com os

---

(1) O P.e J. Bayart S. J. fez um estudo sobre este ponto: «Le Triple visage du Divin dans l'Hindouisme».

(2) O Brahmâcâri Animananda escreveu uma série de artigos em «The light of the East» acerca deste assunto.

Pierre Jonanns, S. J.: Vers. le Christ par le Vedânta. Vols. I e II.

negócios temporais, concentra-se nas coisas invisíveis de Deus. O «Bhagavad Gitã» ensina-lhes esta técnica e atrai-o de maneira irresistível para os caminhos místicos da via purgativa (Karma-mârga) da via iluminativa (jñâna-mârga)e da via unitiva (bloktê-mârga).

Como vimos, muitos são os pontos de aproximação entre o induísmo e as verdades cristãs.

É pena que nem sempre hajam sido bem aproveitados. Esperamos, no entanto ,que se procure entrar cada vez mais dentro dos moldes desta doutrina, para que, através dela, os missionários do séc. XX alarguem cada vez mais em terras da Índia o reino de Deus, e dêem cumprimento às palavras do Mestre «...sereis minhas testemunhas até aos confins da Terra.

A. BARBOSA

«Se vós cristãos, vivêsseis como Cristo,
toda a Índia estaria aos vossos pés...
Senhor Jesus, na Europa não há lugar
para ti.
Vem, toma lugar no meio de nós, na Ásia
no país de Buda.
Os nossos corações sentem-se abatidos pela tristeza.
E a tua chegada os Aliviará».

R. TAGORE

O Padre Lombardi Fala à N. Olivarum

Chegado há pouco de Portugal, de novo o Padre Ricardo Lombardi se encontra em Roma, centro de irradiação da sua apostólica actividade na «Cruzada para um Mundo Melhor».

Logo que nos possível, procurámos satisfazer os desejos de Novellae Olivarum — com quem Sua Rev.ª tomou contacto a quando da estadia no Seminário dos Olivais — no sentido de recolhermos do grande apóstolo algumas impressões que pudessem ser transmitidas aos seus leitores.



Recebidos no seu gabinete de trabalho, dissemos ao que vínhamos. Ao ouvir falar no Seminário dos Olivais logo à boca de Sua Rev.ª aflorou uma palavra de elogio para com Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca realizador de tal obra, e outra de comentário agradecido à maneira com tinha sido acolhido e escutado naquela casa. Apesar de muito assoberbado de trabalho, pois devido à grande ausência, tinha muitos afazeres em atraso, Sua Rev.ª, visto tratar-se de aceder aos desejos dos seminaristas, os apóstolos do futuro, prontificou-se de muito bom

grado. Com mostras de muita bondade, fez-nos sentar lado a lado, junto da sua secretária.

Depois de breve preâmbulo, formulámos a primeira pergunta: «Acredita para já num encaminhamento do mundo para a verdade? Sua Rev.ª com voz decidida responde afirmativamente e para corroborar a sua palavra apresenta dados concretos e actuais: «Basta ver como estão a interessar-se tão consoladoramente vários países como Itália, Espanha, França, Brasil, países onde têm surgido notáveis exortações pastorais e um sem número de iniciativas particulares; e agora, o vosso Portugal...»

Insistimos na localização dessa intensificação do movimento e o Padre Lombardi franqueando algumas pastas que estavam ao lado, põe-nos debaixo dos olhos documentos oficiais de Bispos de várias dioceses como de Valência, Angers, Bogotá, Salvador, Santa Maria, Porto Alegre, Forli, Arezzo, Volterra, Bolonha, Acqui, Ferrara, Massa, Piaceuza, Firenze, Pescara, etc.. Para o Brasil teve palavras de muito apreço referindo-se de um modo especial à Diocese de Santa Maria cujo prelado D. António dos Reis, publicou em 8 de Novembro último, uma pastoral veementíssima «conclamando os seus diocesanos para uma actuação imediata. corajosa e eficaz, do programa pontifício em todos os sectores fundamentais nas frentes diocesana e paroquial conducente à renovação individual e à renovação das estruturas».

Procuramos depois dirigir a conversa para outro ponto mais concreto ou seja indagando qual a região do globo que lhe parecia mais preparada para essa evolução que a tantos títulos se impõe. O Padre Lombardi pensa uns segundos e diz: «A resposta é um pouco difícil pois cada povo tem os seus defeitos e virtudes; se não é fácil apreciar os indivíduos, mais melindroso se torna ajuizar dos povos; no entanto parece-me que o continente sul-americano leva uma boa orientação. O Brasil, nao obstante a escassez de clero, a intensa propaganda protestante e a influência do espiritismo, tem possibilidades imensas».

No prolongamento da ideia anterior quisemos saber qual o motivo por que limita essa preparação ao plano diocesano. Decididamente, o Padre Lombardi responde: «Foi o Papa que assim o determinou, chamando as dioceses como tais. Certamente por ser mais fácil começar por aí, visto tratar-se de uma unidade bem definida com uma estrutura homogénea. Sua Santidade, porém, na mensagem proferida na festa da Imaculada Conceição, falou de um plano nacional. Assim, através

das dioceses chegar-se-á às nações, e por estas aos continentes; toda a humanidade seria assim atingida.

Orientámos seguidamente a conversação para os problemas do clero. O Padre Lombardi pondo na sua voz um especial acento de convicção, fala: «O sacerdote é e será sempre o sal da terra e a luz do mundo, segundo a palavra do Mestre. Nesta cruzada o seu lugar está claramente definido pela voz do Soberano Pontífice: «O Sacerdote é a alma do movimento». Para o conseguir em toda a sua plenitude, o mesmo Pontífice traçou o programa: Desprezar a preocupação das necessidades materiais reconhecendo o primado do espiritual; fomenta o espírito de colaboração a fim de que com os esforços reunidos tudo convirja para transformar os homens em filhos de Deus de modo a constituirem com Ele uma única família».

Referindo-se às grandes linhas de uma espiritualidade sacerdotal para os tempos novos, continuou Sua Rev.ª: «A regra de vida do Sacerdote baseada no C. I. C. está marcada na exortação «Menti Nostrae». Nela se recomenda a prática assídua dos actos de piedade sacerdotais; uma vida Cristocêntrica na devoção a Maria Santíssima; um zelo iluminado, orientado ùnicamente pela glória de Deus e salvação do próximo, auxiliado não só pela ciência teológica (absolutamente indispensável) mas também pela cultura que exigem os problemas da nossa época; o estabelecimento de um plano de acção, abrangendo o problema da instrução religiosa preparando em quantidade mas sobretudo em qualidade militantes leigos, especialmente onde o clero é insuficiente; uma acção intensa na propaganda das vocações, pois ao problema do futuro da Igreja está ìntimamente ligada esta que se pode chamar a primeira questão: as vocações sacerdotais e religiosas.

Finalmente manifestámos o desejo de saber quais as impressões trazidas de Portugal e dos seus problemas.

Visìvelmente satisfeito e com voz repassada de saudade o Padre Lombardi respondeu: «O espectáculo de Fátima deu-me tanta emoção... Nunca noutro Santuário vi tanta fé, aliada ao sacrifício, à penitência verdadeira... Aquilo não se vê noutro sítio... É a atracção da Mãe do Céu a quem Portugal deve tanto...»

Referindo-se aos problemas mais urgentes que envolve a renovação do nosso país, afirmou: «O primeiro ponto é a formação católica da classe intelectual. Este irá influir na política, na literatura, na grande im-

prensa. Para isso impõe-se como primeiro passo a criação duma Universidade Católica. É este um ponto fundamental. Sem isto todo o outro trabalho estará sempre comprometido. Depois vem o problema das vocações, sobretudo nalgumas regiões. Em terceiro lugar a instrução religiosa do povo, a catequese aos grandes e aos pequenos. Embora eu não conheça ainda bem Portugal, contudo, do que observei, parece-me que posso tirar as conclusões que apontei.

Desejaríamos prolongar mais algum tempo a agradável conversa. Mas, dado o avanço da hora e sabendo dos muitos afazeres de Sua Rev.ª, levantámo-nos e íamos a agradecer. Cortando as nossas palavras, disse: «Como é impossível que eu e os poucos dedicados à Cruzada do Mundo Melhor» possamos ir a toda a parte, está a ser resolvido organizar-se em cada nação um grupo de Padres que se dediquem a esta campanha. Aqui em Roma vai abrir a primeira casa para a formação desses sacerdotes. Os Padres assim formados dedicar-se-ão depois aos retiros e grupos de escol. E só depois a pregação geral para as massas. Como eu desejaria ter aqui ao menos dois padres portugueses que se preparassem para depois lançar o fogo... Vamos a ver o que me dirão os Senhores Bispos de Portugal... O trabalho é muito porque a messe é grande. É necessário preparar os apóstolos...

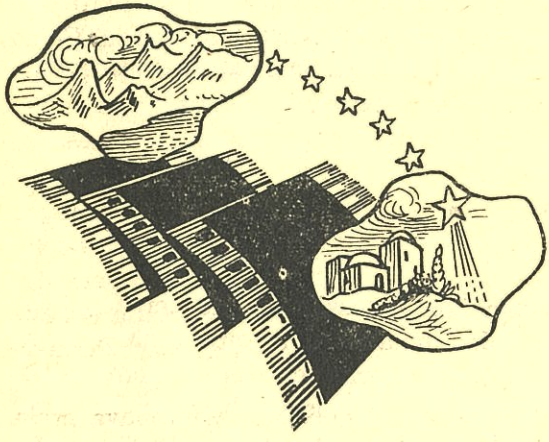
Em nosso nome e no de N. O. manifestámos a grande satisfação e profundo agradecimento em podermos assim ouvir Sua Rev.ª. Acompanhando-nos pelo corredor, mais uma vez se referiu à grande obra dos Seminários, em que já vários prelados portugueses se lançaram e em que outros estão empenhados. Tínhamos chegado junto da porta. Despedimo-nos.

Voltámos ao Colégio Português mas a nossa alma continuava presa às palavras deste grande homem de Deus.

Roma, Dezembro de 1953

F. M. — J. B.

Poderá o cinema traduzir realidades espirituais?



O homem contemporâneo, abandonado aquele racionalismo de formas mortas que nos veio do século XIX vive numa ânsia de Mistério. Necessàriamente ele transmite essa inquietação em todas as suas manifestações e nomeadamente na arte. Por isso vemos como ela, em nossos dias se reanima com esse sopro de espiritualidade e quer na cristã, quer na não-cristã, a procura do Mistério reflecte-se magnìficamente. Ao cinema como arte que é, não pode ser estranho esse facto e por isso veremos, como essa tendência para o espiritual, para o transcendente ele a tem manifestado.

Em primeiro lugar, aparecem-nos como filmes de riquíssima simbologia, todos aqueles que souberam dar-nos da natureza e dos seus elementos uma imagem verdadeira e bela.

Assim, ao mostrar-nos a água, quer na placidez de um lago ou de um rio — imagem maravilhosa da candura da alma, — quer na vastidão indefinida do mar encrespado, como as horas difíceis da vida, ou ao comunicar-nos um verdadeiro sentido das alturas, através de belas ima-

gens das montanhas, o cinema consegue fazer-nos possuir daquela Beleza Incriada, pàlidamente sugerida, por estas imagens naturais.

E como não adivinhar o dedo de um Poder Transcendente nos documentários da misteriosa vida submarina, no desenvolver de uma flor que o «ralenti» nos faz admirar em todos os pormenores, ou no modo por que os animais se defendem, se protegem e fazem a vida entre si?

E por sobre todos estes sinais do divino, um outro bem mais completo e significativo se desenha: o ambiente da natureza que envolve toda a cena. Quer seja sublimado pela neve misteriosa, quer o ilumine um sol magnífico em apoteose de luz e cor, quer um céu imenso e infinito lhe dê dimensões quase infinitas, ele sempre nos transmitirá um sentimento indefinível, uma nostalgia do transcendente, numa palavra, o sentido do todo que às criaturas comunica um espírito vivificador.

Mercê do seu poder de análise (grande plano) e de síntese (plano de conjunto) (1), dos movimentos da câmara etc., o cinema transfigura verdadeiramente aquela beleza enorme que a natureza por si só possui. Assim, fazendo-nos subir do material ao imaterial, da criatura ao Criador, o cinema tem de alguma sorte um sentido religioso.

*
* *

Realizado por homens, o cinema tem necessàriamente versado inúmeras vezes o problema-base da vida humana: a aventura do homem empenhado em dominar a natureza e em suprir pelo seu trabalho duro e sacrificado as vicissitudes da existência. Naquelas obras em que um ou outro aspecto desta aventura foi abordado com suficiente universalidade, e na medida em que isto se deu, o cinema elevou-se já acima da mera reportagem sem alma, atingiu realmente o verdadeiro sentido do humano.

Em vários filmes se verificam tais requisitos. *L'Homme d'Aran,* epopeia heróica da luta incessante do homem com o mar pelo seu mínimo essencial e *Nanook of the North* verdadeiro hino à luta do homem com

---

(1) Henri Agel — Revista Internacional do Cinema, N.º 18 — pgs. 18.

o gelo pela sua existência, conseguem dar-nos do trabalho toda a sua grandeza e dignidade.

Nestes filmes, porém, bem como em todos aqueles que nos apresentam o homem e os seus problemas nas mais remotas paragens, uma outra mensagem se contém. Verdadeiramente através das imagens da África Negra, da Mongólia ou do polo, o espectador cultiva em si aquele sentido universalista que lhe permitirá abraçar o mundo. Pode-se mesmo dizer que diante da tela se realiza aquela palavra de S. Paulo «não há mais nem judeu, nem grego» mas todos se unem em uma mesma comunhão de sentimentos.

Ao lado destes sentimentos de solidariedade e fraternidade humanas, o cinema tem-nos ilustrado vários outros sentimentos humanos.

Assim por exemplo o amor. É certo que vários realizadores, alheios a qualquer responsabilidade moral têm concorrido para que dele se forme uma ideia falsa. Outras obras, porém, há, em que o amor nos aparece em toda a sua luz e beleza. Sirva-nos de exemplo o filme mexicano *Maria Candelária*. Nele, utilizando os magníficos elementos da paisagem, o realizador conseguiu realmente dar-nos o ambiente de limpidez, de inocência, de ternura, em que se desenvolve a feição de Lorenzo Raphael e Maria Candelaria. Mas, para além da doçura sobrenatural de um paraíso perdido que essa terna afeição nos possa transmitir, há no filme um outro elemento — o sofrimento. A maldade dos homens impede a união de Maria e Lorenzo e para além do sacrifício dessa união desejada eles sofrem a própria morte. Almas simples,, inocentes, irresponsáveis de qualquer mal e no entanto sofrem e morrem, vítimas da brutalidade dos seus semelhantes. Qual a razão desse sofrimento?

A resposta é-nos dada pelo quadro final do filme que mostra a cruz dominando o grupo formado por Lorenzo, prostrado e Maria, lapidada. Pela sua parte eles realizaram «o que falta à Paixão de Cristo». A maldade, o pecado daqueles mesmos que os mataram não pode ser remido por qualquer meio humano. Para o resolver é preciso o sangue, o sacrifício dos inocentes (é a mesma a solução de *Cristo interdito, Un giorno della vitta* e de *Dernière chance)*.

Sendo a conjunção fervente de dois olhares no mesmo objectivo, o amor humano sobretudo quando sublimado pelo sofrimento adquire sem dúvida um notável coeficiente de espiritualidade. Quando porém, o amor se transforma em caridade, isto é, quando alguém o pratica desinteres-

sadamente em favor do seu próximo, o seu valor sobe imensamente para atingir ressonância evangélica. Terá o cinema captado esta sublimação do amor?

A resposta ser-nos-á dada pelo Neo-Realismo italiano. Procurando como o disse Zavattini a André Bazin: «être fidèle ou prèsent, remplacer les épisodes par des moments, saisir la vie en train de se faire» a moderna escola transalpina conseguiu realmente encontrar na vida quotidiana aqueles valores espirituais que a valorizam. Entre eles ocupa lugar de realce a caridade.

Desde a figura simpática de Toto, o bom, em *O Milagre de Milão*, descendo ao meio fechado, egoísta dos bairros de latas, até àquela dedicação de uma ordem bem mais alta, incarnada na figura do padre que, em *Roma, cidade aberta* «assumindo de todo o coração os sofrimentos do companheiro os eleva a um plano sobrenatural em nome desta comunicação que se realiza ao nível da Comunhão dos Santos» (1) é o amor desinteressado, reflexo magnífico da verdadeira Caridade que ilumina muitas das obras desta escola.

Ao lado deste sentido da caridade tem o cinema ilustrado, em obras de tema profano outros sentimentos que se podem elevar a um nível de carácter cristão. Está neste caso a esperança.

O homem colocado no mundo que lhe aparece cheio de misérias, pátria de verdadeiro sofrimento só poderá encontrar sentido para os seus sacrifícios na esperança de algo de ordem transnatural. Exemplos desta esperança temo-los, por exemplo, em alguns filmes de Chaplin *(Luzes da Cidade e Luzes da Ribalta)*. Fiel ao seu mundo interior onde por certo o desespero nunca pode ter lugar, Chaplin, nas situações mais dolorosas, quando preveríamos um terrível choque moral, com um sorriso, mixto de lágrimas e de prodigiosa esperança, retoma o caminho que adivinha e espera cheio de promessas ou pelo menos de indefinidas possibilidades.

Se nos filmes de Chaplin a esperança ocupa lugar de tanto destaque, no moderno cinema italiano ela constitui o sentido espiritual, a verdadeira mensagem de algumas obras. Fazendo-nos penetrar num ambiente onde a miséria, a desgraça material e moral fazem prever que necessà-

---

(1) H. Agel e Am. Ayfre. Le Cinéma et le Sacré. Ed. Cerf. 1953, pág. 85.

riamente o futuro será igual ao passado, alguns dos filmes desta escola como que eliminam a possibilidade de evasão. Apesar disso a esperança na vida, no futuro, permanece.

É essa esperança no futuro que determina António em «*Dez reis de esperança*» a manter-me inabalável apesar de todos os desaires. E ao caminhar com Carmela, sem certeza alguma para a vida, não é a esperança, apontada pela cruz da cena final que norteia essa decisão?

*
* *

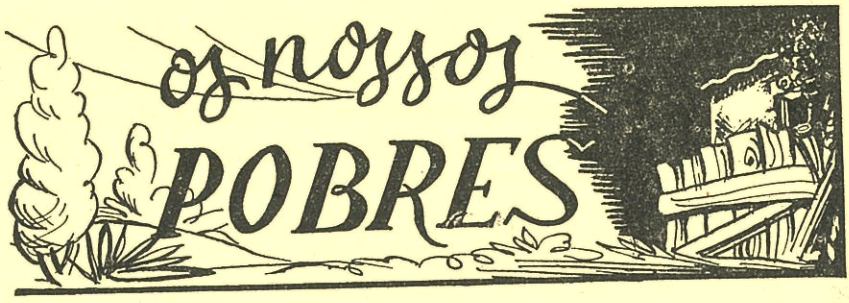
Vimos como, através duma certa exaltação do espiritual por um estilo que o solenize e situe nas perspectivas de eternidade, a evocação da luta do homem com o cosmos, o amor, o sofrimento, a dedicação pelo próximo, a esperança, podem atingir um certo coeficiente de sobrenatural.

Mas ao lado destes reflexos do sagrado ainda um tanto obscurecidos o cinema tem sabido estruturar dados religiosos em termos suficientemente expressivos. Isto é, existem filmes, em que, das coordenadas terrestres e humanas de tempo, país e autor se procura atingir alguma coisa do Mistério de Deus. Por diversas modalidades cinematográficas se tem realizado esta expressão do sagrado. (1)

(Continua)

JOSÉ VIEIRA MARQUES

(1) Seguimos em parte o critério adoptado por Henri Agel no livro *Le Cinéma et le Sacré*. Ed. Cerf. 1953.



No meio da grandeza também há miséria. No meio da miséria ainda há grandeza; grandeza de alma que por vezes atinge o heroísmo.

O luxo habita paredes meias com o «lixo»; apenas os separa a rua. O luxo está dentro de casa; o «lixo» deita-se fora: para um canto duma viela ou beco ou no caixote para não incomodar. Cá fora o «lixo» na lama; por vezes lá dentro a «lama» no luxo.

Dentro das portas do império da Roma dos Augustos, enxameavam os plebeus e os escravos.

Enquanto uns gozam uma vida tranquila, fácil, cómoda — a vida de tantos marquesinhos de Cuevas — outros lutam com sacrifício, gemem e sofrem. Sofrem muitas vezes com dignidade e coragem; muitas outras com nobreza de alma e heroísmo. Alguns, porém, com revolta e desespero e tentações de suicídio, sobretudo onde falta a Luz do Evangelho. Foi um deles que o declarou: — «Se não fosse por me lembrar que os meus filhos ficariam ainda mais desgraçados, já me tinha dependurado duma corda». *Uma oliveira frondosa serve de tecto sombrio à barraca.*

São ainda os filhos que impedem maiores desgraças, depois de terem sido muitas vezes fruto da «grande desgraça» — o concubinato, o adultério.

O pai de muitos é «Ninguém». São todos filhos de Deus. E a ilegitimidade continua a ser legítima...

*

* *

A miséria material é muitas vezes consequência da miséria moral; consequência e justo castigo. Eles mesmos o reconhecem, depois de te-

rem sido testemunhas, juízes e algozes de si mesmos. Ouçamo-los que é sublime e eloquente o seu depoimento:

— Um homem casado, já há anos tuberculoso, deitado numa enxerga miserável a um canto da barraca ainda mais miserável, dizia: — «Deus permite que os maus sofram para que os bons sejam melhores, e para que os maus recebam o castigo do seu mal e se emendem».

— Um operário, depois duma mocidade livre, longe de Deus e de todas as Suas leis, encontrou-se em situação material angustiante. À hora da morte, que se aproximava, minado pela tuberculose, fruto em parte dessa juventude, dizia a chorar de arrependimento e alegria: — «Foi pelo caminho do sofrimento que Deus me trouxe a Si». *Também este nas encruzilhadas da vida, encontrou a tempo o caminho do seu resgate.*

Quando o homem se afasta de Deus, Deus persegue-o com o Seu amor, com a Sua graça. E quanto mais foge, mais é perseguido, porque amado. Deus escreve direito por linhas tortas... Pela morte e numa cruz, veio-nos a Vida.

— Um outro, depois de ter vivido bem durante bastante tempo, vê-se agora sem emprego, sem dinheiro, com esposa e um rancho de filhos para sustentar. Tem necessidade de fazer uma barraca de tábuas de caixote coberta de latas, com o soalho que a natureza lhe oferece, depois de ter batido a várias portas a ver se conseguia casa para a família. Estava pronto a vender a camisa que trazia vestida para pagar a renda, mas porque tinha filhos, foi-lhe dito «não». Sentindo a mão de Deus, que como médico sapientíssimo, sujeita por vezes o doente a um regime de dieta rigorosa para tentar salvá-lo, — exclamava: — «Deus aperta, mas não afoga...» *A seguir dizia em acto de esperança firme na Sua Misericórdia:* «Ele é Pai!... Ele sabe que nos tem cá; nós muitas vezes é que nos esquecemos d'Ele, sobretudo enquanto a vida nos corre bem».

Estes acreditam na missão redentora do sofrimento. Foi Deus que projectou tais jorros de luz sobre a cruz; só Ele o podia ter feito, porque Ele também era Homem.

É certo que a miséria material é por vezes consequência da miséria moral. Outras, a miséria material arrasta para a miséria moral. Esta espreita a ocasião de poder entrar, aumentando assim o corteja do infor-

túnio. «Abyssus abyssum invocat». Em regra os povos sub-alimentados não dão sábios nem santos.

Muitos deles pouco mais têm que um mansarda, uma cabana coberta por vezes de farrapos, latas ou palha, onde não cabe um homem de pé. Alguns ainda têm de pagar renda «disto». Outros — passados tantos séculos de civilização e cristianismo — vivem em tocas cavadas na terra, como homens primitivos ou animais da selva.

E ali vivem, e ali emagrecem e ali definham; alguns parecem esqueletos ambulantes. Para cá da «cortina de ferro» também existe a morte lenta.

Também estes poderão dizer que não têm onde reclinar a cabeça. Ontem era Jesus Cristo que sofria na cabeça do Seu Corpo Místico — Ele mesmo; hoje sofre nos Seus membros.

«Estará em agonia até à consumação dos séculos» disse alguém. Estes «completam o que falta à Sua Paixão». A redenção de Jesus Cristo é sempre actual.

«Ele veio para o que é Seu, mas os Seus não O receberam»; e continua a vir e os Seus continuam a não querer recebê-Lo. Não pensemos que é favor, esmola ou caridade proporcionar-lhes condições em que possam viver dignamente como homens e filhos de Deus. Não é esmola; é, antes de mais, um dever de justiça social e cristã.

O grito angustiante de tantos que clamam justiça, a maior parte das vezes será «voz que clama no deserto». Por vezes encontra eco no coração de alguns e sempre no coração de Deus: «Bem-aventurados os pobres... os que choram... os que têm fome e sede de justiça... os que sofrem...; tudo o que fizerdes a um deles é a Mim que o fazeis».

Perante a miséria do Pobre abandonado na valeta, uns passam e voltam a cara para o lado e continuam indiferentes e frios. Temos que incendiar o mundo; só purificado pelo fogo da Caridade ele se salvará. A nossa missão é espalhar luz nas inteligências e atear fogo nos corações.

Outros contentam-se em lastimar a sorte deles, encolhendo os ombros. Não é com lamentações que se resolvem os problemas.

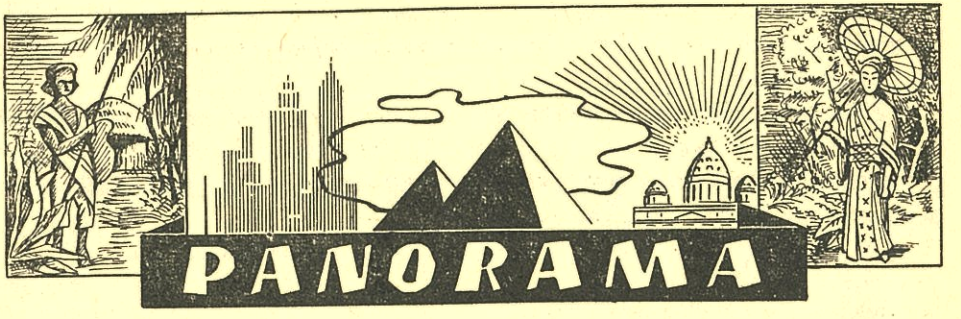
Ainda há outros — mas como é reduzido o número desses bons samaritanos! — que se aproximam, pensam-lhes as feridas com vinho e azeite e albergam-nos no coração. Como são poucos os que se lembram de, nas almas e nos corpos dos Pobres — que são templos vivos

do Espírito Santo — adorarem o verdadeiro e único Deus! Afinal Ele está tão perto dos homens, está entre eles, e os homens não O reconhecem! «Mentes dizendo que amas a Deus que não vês, se não amas o Próximo que vês».

E os Pobres no meio da sua miséria ainda continuam a esperar a hora da redenção e do resgate. Esperam por ti; contam contigo para os ajudares; dá-lhes a mão. Renuncia ao supérfluo para que eles possam ter o necessário.

Não pretendamos construir um «mundo melhor e mais belo» sobre a sepultura dos pequenos e pobres. Se lhe queremos dar consistência e firmeza, trabalhemos por alicerçar cada indivíduo da sociedade sobre a Justiça, a Paz, a Caridade, o Amor.

J. BELINQUETE



No ressurgir espiritual da classe operária

Passou a 17 de Janeiro o décimo aniversário da morte da grande figura de apóstolo que foi o P. Henri Godin.

De saúde muito débil, bastantes dificuldades encontrou durante a vida de Seminário a ponto de em Filosofia ter de interrompe- os estudos. Foi para casa descansar e neste intervalo adquiriu grande experiência como caixeiro numa drogaria.

Apesar dos contratempos nada o demoveu da sua resolução — ser padre.

Em 1933 recebeu a ordenação sacerdotal e foi nomeado pároco. Dos paroquianos, 80 por cento eram operários. Encontrava-se o P. Godin no meio preferido e era vê-lo entregar-se de corpo e alma ao apostolado. O seu trabalho principal estava na pregação, confessionário, catequese e visitas aos pobres. Foi em contacto com as massas populares que o P. Godin se revelou verdadeiramente um «homem providencial».

Mais tarde saira da paróquia para se dedicar exclusivamente à J. O. C. por amor da qual depois dá realização à Missão de Paris.

Bem foi o P. Godin um apóstolo modelo do nosso tempo. Consagrando-se todo a uma actividade extraordinária, colocava acima de tudo a vida interior e de oração. Já no Seminário era conhecido pelo «santo», não só pela vida de piedade profunda, mas também pelo seu espírito de sacrifício e cumprimento integral dos deveres de estado. Possuía grande espírito de fé e confiança ilimitada na Santíssima Virgem. Foi uma vez a Lourdes em peregrinação, com o fim de alcançar a cura para poder continuar o curso. Voltou doente, mas não desesperou. São dele estas palavras: «Volto doente. Obrigado por isso. Um milagre poderia tornar-me orgulhoso. A única coisa que Vos peço é poder continuar os meus estudos; ainda que

tenha de sofrer dois, três, quatro ou cinco anos, toda a minha vida. Tudo o que Jesus quiser, fá-lo-ei sem hesitar».

A sua grande força de vontade traduzia-se em grandes resoluções: «Não terás medo de cumprir o teu dever diante dos outros. Para quê o respeito humano? Farás todos os actos de piedade, nunca falarás em proveito próprio, nem dirás mal de ti para que os outros digam bem. Deixar-te-ás acusar mesmo injustamente. Porás de lado os lugares, notas e consideração. É preciso ser humilde exteriormente e humilde de coração. Fortifica a tua vontade. Que fará um padre sem vontade»?

Estes propósitos eram cumpridos escrupulosamente. Era mesmo a sua principal preocupação, não se deixar influenciar pela actividade a ponto de ser dominado por ela e esquecer o principal.

O P. Godin esteve na origem do ressurgimento espiritual da classe operária.

Em Setembro de 1943, apareceu o famoso livro «França, terra de Missão». Foi enorme o escândalo destas páginas que mostravam bem ao vivo a paganização crescente da classe operária e o seu afastamente da comunidade cristã. Números e factos e poucas palavras. Alguns viram apenas os exageros e quadros negro da vida. Mas para a maior parte foi um alerta, porque não supunham a acuidade do problema. O Padre Godin pôs ainda em relevo o outro aspecto do problema duma forma mais original — a separação profunda ou mesmo total que existe entre os operários que se vão paganizando e os cristãos.

Estes reunem-se à volta da sua Igreja que não corresponde às exigências da vida operária. A comunidade cristã como que vive à parte do mundo proletário e é necessário que o cristianismo se estenda e entre no meio pagão para levar a luz de Cristo a toda a parte. Para isto é preciso tomar contacto com a vida e preocupações dos operários, identificar-se com o meio sem se deixar influenciar por ele. Esta a solução proposta pelo P. Godin, que culminará na fundação da «Missão de Paris», com todo o apoio do Cardeal Suhard e de vários bispos franceses em Julho de 1943. O Seminário de Lisieux começou a funcionar em Outubro do mesmo ano.

Pouco tempo depois, quando tanto havia ainda a esperar desta grande alma de apóstolo, morre no leito asfixiado pelo gás do aquecedor. Os caminhos da Providência não são os nossos caminhos.

Assim se concluía toda uma vida consagrada a Deus pelo regresso da classe operária. Nisto é ele modelo para todos os apóstolos do nosso tempo.

J. OLIVEIRA

Um negro Americano, Bispo da Accra

Em 22 de Abril do passado ano, foi sagrado na Igreja de Nossa Senhora do Golfo, Baía de São Luís, Mississipi, E. U. A., o novo Bispo de Accra, Mons. Joseph Bowers.

O novo Bispo nasceu nas Índias Ocidentais Inglesas, e é membro da Sociedade do Verbo Divino (SVD). Frequentou o Seminário de Santo Agostinho, da cidade onde foi sagrado e estudou Teologia na Universidade Gregoriana.

Designado pela sua Sociedade para missionar na Costa do Ouro, partiu para esta colónia inglesa em 1940. Em Janeiro de 1953, com 43 anos de idade, foi eleito bispo auxiliar e logo a seguir bispo residencial de Accra, capital da Costa do Ouro.

Monsenhor Bowers é o primeiro bispo negro da Costa Ocidental de África e o quinto de todo o continente africano. Mais interessante se nos apresenta este



facto, se considerarmos a nacionalidade americana do novo bispo. Como sabemos, nos Estados Unidos, sobretudo no Sul, em virtude do grande número de escravos negros lá existentes até à Guerra Civil americana, existe uma grande corrente de descriminação racial. Os católicos americanos sempre se mostraram defensores dos direitos dos negros e assim não pode deixar de ser intencional a escolha do Cardeal Spellman, sem dúvida o mais representativo dos bispos americanos, para Consagrante de Mons. Bowers, e do Arcebispo de Nova Orleans, Monsenhor Rummel, cabeça do movimento anti-racista nos Estados Unidos, para pregador na cerimónia da Sagração.

De Abril a Setembro de 1953, data em que entrou na sua diocese, Monsenhor Bowers percorreu todos os Estados Unidos pedindo esmolas para os católicos de Accra, e foi sempre recebido com muito entusiasmo e simpatia, manifestada particularmente na impensa religiosa e laica. Dirigiu-se à nação americana pela rádio, através da cadeia nacional de radiodifusão ABC, e ordenou dois sacerdotes negros no Seminário que frequentara no Misissipi.

A recepção prestada pelos católicos de Accra ao seu Bispo, foi uma recepção verdadeiramente triunfal e a ela se associaram os representantes do Governo, as casas comerciais e associações laicas. Notemos ainda que nas colónias inglesas existe também uma acentuada política de descriminação racial.

À revista «Christian Family», no número de Novembro de 1953, fez Monsenhor Bowers importantes declarações, das quais destacamos o seguinte texto:

«Desejo afirmar com vigor que esta terra e o seu povo foram descritos com cores muito sombrias. Descobrimos que este povo tem as mesmas aspirações humanas dos outros povos, tem a mesma fome de Deus e também a mesma fragilidade, a mesma tendência para o mal... Certamente os filhos de Deus estão menos preparados que os outros para as técnicas dum mundo complexo, mas pode suceder que isto seja o sinal de uma melhor preparação para o Reino de Deus».

MIGUEL PONCES

Na terra de Graham Greene...
— Uma Pastoral do Cardeal Griffim

Não está isenta de dificuldades e melindres a missão do romancista católico, ou a do «católico que escreve romances», como desejam ser os maiores dos romancistas em questão.

Possuimos já a síntese genial de J. Maritain no seu «Art et Scholastique» mas isso não tira a que nas realizações concertas não seja fácil fazer reinar o acordo e a harmonia entre a fidelidade humana ao real e a fidelidade sobrenatural à Fé que se professa.

E porque às vezes nem sempre se conseguem, publicou o Card. Griffin, Arcebispo de Westminster, uma Pastoral onde aborda o problema delicado da literatura, o do romance católico em particular.

Apresentamos alguns dos passos essenciais, tais como vieram transcritos no n.º 20 (15-1-54) da revista francesa *«L'ACTUALITÉ réligieuse dans le monde»:*

«No decorrer dos últimos anos, têm-nos preocupado certas tendências da literatura contemporânea. Em consequência do materialismo tão espalhado por toda a parte, a nossa época quase não sabe refrear-se, nem se dá conta de quanto é necessária a moderação quando há perigo de escândalo... Muitos romances hoje se publicam que não manifestam o menor cuidado em respeitar as regras elementares da decência e muita gente julga que pode desculpar tais obras dizendo que são realistas e descrevem o verdadeiro estado das coisas...

Nenhuma desculpa deste género é válida... e é tristemente verdade que até autores católicos se tornaram culpados deste erro. Romances que pretendem ser expressão da doutrina católica, contêm passagens onde a descrição imoderada de uma conduta imoral constitui uma tentação de pecado para muitos leitores. E ainda que seja verdade que tal literatura possa ser lida sem perigo por uma elite escolhida, para a virtude do comum dos leitores o perigo é tão grande que a publicação de tais obras quase não é de desejar...

Também pedimos aos escritores católicos em questão, e cujo talento não se põe em dúvida, que reflictam sèriamente e se interroguem sobre se o talento de que são dotados não poderá sem empregado de maneira mais útil e mais em acordo com as nobres tradições da literatura católica».

Isto dito na terra da Graham Greene, Evelyn Waugh e Francis Stuart é bem significativo. Mas no fim de contas só vem confirmar a máxima de J. Maritain; «Não se diga que a arte cristã é impossível. Diga-se antes que ela é difícil, e duplamente difícil, porque é difícil ser artista e mais difícil ainda ser cristão».

A. GUERRA

LIVRO DO MÊS

A voz de Roma na Questão Social

J. Quelhas Bigotte

A Teologia dos problemas sociais está por fazer. Há doutrina dispersa em numerosas fontes, mas não ainda uma elaboração sistematizada que a compendie em umas tantas teses documentadas nessas várias fontes. É aliás, um trabalho difícil que não compete a teólogos e sociólogos principiantes.

Nem mesmo apareceu — que eu saiba — um Enchiridion das declarações do Magistério Eclesiástico sobre questões sociais. Têm surgido sim diversos estudos sobre a doutrina da Igreja a respeito destes problemas, mesmo ensaios de uma síntese teológica no campo da Moral e edições de documentos pontifícios, divididos em títulos que, mais ou menos bem escolhidos, têm seu fundamento nos próprios textos. É exemplar desta última categoria de publicações aquela da S. E. T. chamada «Acção Católica e Acção Social».

Mas, quer uma, quer outra destas duas espécies de publicações, visam, em regra, um bem determinado dos muitos problemas sociais, pois é tal o número e a complexidade deles, que pretender tratá-los em um só trabalho é tarefa que nenhum autor pode empreender.

«A Voz de Roma na Questão Social», na intenção do Padre Quelhas Bigotte, parece-me que era para pertencer à primeira espécie. Os seus dois longos volumes abordam, sob o título genérico de Questão Social, muitas questões entre as quais também a Questão Social pròpriamente dita.

Diante de objecto tão amplo, o autor dividiu-o em 37 capítulos, que resultaram, como não era fácil deixar de ser, demasiado genéricos para um estudo pessoal e demasiado extensos (sem esgotar o assunto sequer em extensão) para uma simples apresentação de documentos da Sé Romana. E, ainda que fosse esta última a sua finalidade, eu creio que S. Rev.ª os tornaria mais fiel e fàcilmente conhecidos por uma catalogação dos assuntos apoiada nos próprios documentos, do que pelo critério seguido, necessàriamente arbitrário e artificial.

Direi pois que o Autor se traiu em preferir este pouco económico caminho. Como reflexão pessoal o seu livro parece-me difícil de interessar. Como divulgação do pensamento da Igreja, sim, tem utilidade enquanto obra de consulta, mas esta utilidade é de fraco rendimento porque desproporcionada às dimensões, isto é, ao preço do livro, falho de estrutura una, e de ritmo frouxo. É que são numerosas as repetições de pensamento, pelo próprio artificialismo na divisão da matéria. E, a abundância dum contexto que diz pouco quase afoga a voz de Roma, desfocando o primeiro plano em que ela deveria ser fixada.

Porém, ao considerarmos o desinteresse social que vai reinando (Os Bispos de Espanha e França queixam-se que por lá também) é de registar, de louvar, de agradecer a bem intencionada presença do Autor.

C. G.

VELAS DE CARDIGOS

J. D' Oliveira Tavares, Filhos

Telef. 5 **B. Baixa-CARDIGOS**

A casa que há 103 anos criou e mantém o prestígio das **VELAS DE CARDICOS**

Premiada em 7 Exposições 4 Estrangeiras e 3 Nacionais

A BOA CONSTRUTORA

FABRICA DE RELOGIOS NACIONAIS MONUMENTAIS

MARCA REGISTADA
COUSINHA-O MELHOR RELÓGIO
ALMADA-PORTUGAL

MANUEL FRANCISCO COUSINHA & FILHOS

Telefone: Almada 165 — Telegramas: FABRIRELÓGIOS — Almada

R. Capitão Leitão, 253-C-D-255 — ALMADA — Portugal

Relógios mecânicos e eléctricos para torres e edifícios públicos — Relógios-carrilhões que tocam trechos musicais — Relógios fabris com dispositivos de comando — Relógios eléctricos secundários — Máquinas que dão corda automática aos relógios mecânicos — Teclados eléctricos e manuais para sinos — Máquinas sineiras automáticas — Sinos afinados e avulso — Mostradores, sirenes, pára-raios, cata-ventos e Cruzes luminosas.

Dez e quinze anos de garantia — Trinta anos de prática

Premiado com medalha de ouro em todas as exposições a que tem concorrido

JÚLIO GOMES FERREIRA & C.A, L.DA

A casa mais antiga do País no seu género

(FUNDADA EM 1832)

RUA DA VITÓRIA, 82 a 88 — **RUA DO OURO, 166 a 170**

Lustres - Lanternas Placas - Casticais Lâmpadas Suspensões
Banheiras Caldeiras - Esquentadores Fogões de cozinha

INSTALAÇÕES

SANITÁRIAS — AQUECIMENTO CENTRAL — ELÉCTRICAS
CASAS DE BANHO — VENTILAÇÃO — CONTRA INCÊNDIOS
PÁRA-RAIOS — ASCENSORES — TELEFONES

TODOS OS TRABALHOS EM LATÃO E FERRO FORJADO

SOCIEDADE INDUSTRIAL METALURGICA

S. A. R. L.

SERRALHARIAS

Rua de S. Tiago, 13 LISBOA

C. SANTOS

LANIFÍCIOS

Sortido completo de lanifícios para o Rev.mo Clero, Seminaristas, Colegiais, etc.

Qualidades para todos os preços — Exclusivos — Secção de cachecois e lanifícios de cor

DESCONTOS E PRAZOS

COVILHÃ

SOCIEDADE EDITORA ALA ESQUERDA, L.DA

Composição e impressão de Jornais, Livros e Revistas

Trabalhos Tipográficos em todos os géneros

Telefone. 263 BEJA—Apartado 25

(Oficinas Gráficas da Diocese)

OURIVESARIA

ALIANÇA

Verdadeiro atelier de arte, conhecido no País e estrangeiro. *As mais especializadas oficinas para a esmerada confecção de todos os objectos do culto católico*

Rua das Flores, 191 a 211

PORTO

Rua Garrett (Chiado), 50

LISBOA

Sociedade de Tapeçarias, L.da

ESTOFADORES E DECORADORES

Rua Augusta, 126 - 130 Tel. 26669

Casa especializada em estofos e decorações, com oficinas próprias e estoques próprios os mais completos e variados e aos melhores preços do mercado.

Sedas, Damascos e Brocados próprios para decorações de Igrejas

As mais modernas criações dos industriais nacionais e estrangeiros

Agradece desde já a Vossa muito estimada visita

SACOR

Trabalho da Nação

para a

economia da Nação

Um esforço diário de

800

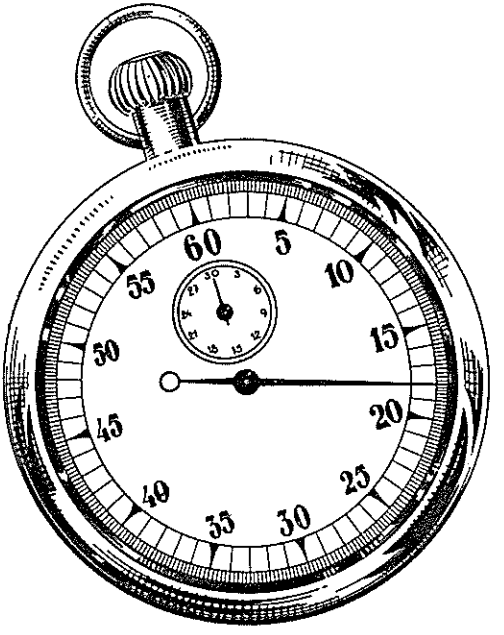
Portugueses

SACOR

Em Lisboa e em todo o País

TOSSE ?

DESAPARECE RÀPIDAMENTE





COM

BENZO-DIACOL